

De tal forma Deus amou o Mundo

Criadas/os segundo a imagem de Deus:
O dom divino e chamado à humanidade

Uma Antropologia Teológica Anglicana
Documento Unidade, Fé & Ordem nº 3

A Soberania de Deus e Nossa Salvação

Uma Formulação Teológica Anglicana
Documento Unidade, Fé & Ordem nº 4

Preparados pela

Comissão Permanente Inter-Anglicana para Unidade, Fé & Ordem
(The Inter-Anglican Standing Commission on
Unity, Faith & Order – IASCUFO)

De tal forma Deus amou o Mundo

Criadas/os segundo a imagem de Deus: O dom divino e chamado à humanidade

Uma Antropologia Teológica Anglicana

Documento Unidade, Fé & Ordem nº 3

A Soberania de Deus e Nossa Salvação

Uma Formulação Teológica Anglicana

Documento Unidade, Fé & Ordem nº 4

Preparados pela

Comissão Permanente Inter-Anglicana para Unidade, Fé e Ordem

(The Inter-Anglican Standing Commission on

Unity, Faith & Order – IASCUFO)



Editora e Livraria
ANGLICANA

Porto Alegre

2021

Publicado originalmente pelo Conselho Consultivo Anglicano

16 Tavistock Crescent

Londres W11 1AP, UK

©Copyright 2021, Secretary General of the Anglican Communion

ISBN Original 978-1-911-007-22-7

Todos os direitos reservados. A não ser quando indicado de outro modo, as citações bíblicas aqui contidas são da nova versão internacional em português, copyright © 1991, 2001 por Editora Vida no Brasil. Todos os direitos reservados.

Tradução em Língua Portuguesa

Júlio Eduardo dos Santos Ribeiro Reis Simões

Esta publicação foi possível com a colaboração da JUNET em parceria com IASCUFO e CETALC (Comissão para a Educação Teológica na América Latina e Caribe)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

D492 De tal forma Deus amou o mundo / preparados pela Comissão Permanente Inter-Anglicana para Unidade, Fé e Ordem. – Porto Alegre : Livraria e Editora Anglicana, 2021.

71 p.

Conteúdo:

- Documento Unidade, Fé & Ordem nº 3
Criadas/os segundo a imagem de Deus : o dom divino e chamado à humanidade : uma Antropologia Teológica Anglicana
- Documento Unidade, Fé & Ordem nº 4
A soberania de Deus e nossa salvação : uma formulação teológica anglicana

ISBN: 978-65-89338-10-9

1. Teologia Anglicana 2. Antropologia Teológica Anglicana 3. Salvação (Teologia) I. Comissão Permanente Inter-Anglicana para Unidade, Fé e Ordem

CDD 283

21-2496

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia Anglicana

Prefácio da Edição em Português

A Junta Nacional de Educação Teológica – JUNET mais uma vez oferece para nossa reflexão e aprofundamento teológico a tradução para a língua portuguesa de texto produzido pela Comissão Permanente Inter- Anglicana para Unidade, Fé e Ordem -IASCUFO, no caso os Documentos #3 e #4 .

O trabalho da IASCUFO tem sido recebido na Comunhão Anglicana como produto de uma ação coletiva que vem para clarear caminhos da identidade, missão, eclesiologia e produção teológica na Comunhão Anglicana.

É importante lembrar que estas reflexões não são inéditas, mas construídas a partir dos outros documentos já oferecidos pela Comissão, #1, Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos e #2, Comunhão de Ministérios e Missão.

Desejo que possamos mergulhar ainda mais profundo na reflexão dos temas da Soberania de Deus e Nossa Salvação, abordadas no documento #3 e Uma Antropologia Teológica Anglicana, no documento #4. E que toda essa reflexão coadune para nós com nossos compromissos face a desigualdade que está posta em nossa realidade brasileira no contexto de nossa América Latina e Caribe.

Bispo Mauricio Andrade
Presidente da JUNET

Sumário

Prefácio a ambos os documentos	5
Criadas/os segundo a imagem de Deus: O dom divino e o chamado à humanidade. Uma Antropologia Teológica Anglicana	7
Introdução.....	9
Criação e a Pessoa Humana.....	12
A Pessoa Humana como Imagem de Deus.....	14
A Pessoa Humana como Dom.....	20
Cristo, a Imagem Eterna.....	21
A Pessoa Humana e a Imagem do Amor.....	26
A Pessoa Humana em Relação	30
A Liberdade da Pessoa Humana.....	33
A Quebra da Imagem de Deus: o Pecado Humano.....	36
A Pessoa Humana e o Senhorio: Justiça Ambiental.....	42
A Pessoa Humana e a Pobreza: Justiça Econômica.....	49
A Esperança da Humanidade Reconciliada	54
A Soberania de Deus e Nossa Salvação	58

Prefácio a ambos os documentos

A principal tarefa confiada à Comissão Permanente Inter-Anglicana para Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO em sua sigla inglesa) é promover o aprofundamento da comunhão entre as igrejas da Comunhão Anglicana, e entre tais Igrejas e outras Igrejas e tradições da *oikumene* cristã.

Os frutos do trabalho da IASCUFO são refletidos em seus estudos e relatórios, que podem ser encontrados no website da Comunhão Anglicana e nos relatórios do Conselho Consultivo Anglicano publicados em 2012, 2016 e 2019. Os estudos mais importantes também estão publicados em uma série de Documentos sobre Unidade, Fé e Ordem.

O primeiro, *Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos*, foi preparado para a reunião do Conselho Consultivo Anglicano (ACC-15) de 2012. Ele introduz a proposta, desenvolvimento e teologia dos quatro Instrumentos da Comunhão, para que anglicanas/os e outras/os possam ter uma compreensão nova sobre como esses instrumentos servem nossa vida comum, e como aprofundam nossa comunhão com o Deus Triuno e uns com os outros para a missão e serviço no mundo.

O segundo Documento sobre Unidade, Fé e Ordem, *Comunhão no Ministério e Missão*, publicado em 2018, contém os três textos da IASCUFO que a reunião do Conselho Consultivo Anglicano de 2016 em Lusaka, Zâmbia, recomendou às igrejas da Comunhão Anglicana. Os três textos lidam com uma variedade de questões sobre comunhão ministerial e missionária que complementam e desenvolvem temas presentes já em *Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos*.

O terceiro Documento sobre Unidade, Fé e Ordem, *Criadas/os Segundo a Imagem de Deus*, é fruto de uma longa consulta no âmbito da IASCUFO sobre Antropologia Teológica que se concluiu no seu encontro em Kuala Lumpur, Malásia, em 2019. O Documento reflete sobre a natureza da humanidade como criada por Deus segundo sua imagem e semelhança e chamada por Cristo à partilha na vida eterna.

O quarto Documento, *A Soberania de Deus e Nossa Salvação*, apresenta uma breve exploração de percepções anglicanas sobre salvação, compreendida como dom divino à sua criação.

Criadas/os segundo a imagem de Deus: O dom divino e o chamado à humanidade

Uma Antropologia Teológica Anglicana Documento Unidade, Fé e Ordem nº 3

Criou Deus a humanidade [n.t.: NVI: “o homem”] à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.¹

Gn 1.27

Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.

Sl 139.13-14a

Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.

Gl 3.28

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se

1 Aqui, bem como em toda a extensão dos Documentos 3 e 4, foi utilizado um vocábulo capaz de melhor traduzir o original hebraico, de gênero neutro, em geral traduzido para o inglês como “human”, também neutro, e que a NVI em geral traduz para o português como “homem”, que é de gênero masculino. Uma tradução aproximadamente mais fiel ao hebraico, idioma do texto bíblico, precisa conter a ideia de neutralidade de gênero, e tal foi buscada em todas as ocorrências de “homem” quando significa “gênero ou espécie humana” de diferentes modos, conforme permite a língua portuguesa sem macular o sentido em inglês e se aproximando do sentido original hebraico.

semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!

Filipenses 2.5-8

Seu divino poder nos deu todas as coisas de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. Por intermédio destas ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça.

2Pedro 1.3-4

A glória de Deus é a pessoa humana viva, e a vida da criatura humana é a visão de Deus.

(Gloria enim Dei vivens homo, vita autem hominis visio Dei)

Irineu de Lião, Contra Heresias, IV.34.7

Introdução

1. A Escritura ensina que toda pessoa humana é feita segundo a imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-28). Cada pessoa, por ser única e insubstituível, é de infinito valor; toda e cada pessoa, como feita segundo a imagem de Deus, tem dignidade intrínseca. Além disto, São Paulo ensina que somos um em Cristo (Gl 3.28), uma vez que Cristo veio para todas as pessoas (Rm 5.18-19; 1Co 15.22; 2Co 5.14). Esta é a grande percepção original do cristianismo sobre e para o mundo: Deus, em quem “vivemos e nos movemos e temos o fundamento de nosso ser” (At 17.28), se encarnou em Jesus Cristo por todo o mundo, tomando a forma de uma pessoa escravizada (Fl 2.5-8). Deus em Cristo redimiu e santificou toda a humanidade para que possa participar na vida divina¹.
2. Este é o profundo mistério do ser humano: somos pessoas criadas por Deus de forma que, em Jesus Cristo e pelo Espírito Santo, possamos compartilhar na natureza divina (2Pd 1.4). Toda pessoa humana, sem exceção e a despeito de sua condição ou importância social, é chamada por Deus para uma participação na plenitude da vida e amor de Deus. Como respondemos a este chamado, e como encorajamos outros a responderem, é uma questão humana fundamental. Ainda assim no mistério e complexidade da condição humana, Deus deseja nos elevar para participarmos a vida gloriosa de Deus. O salmista escreve:

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,
a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: Que é a

humanidade [n.t.: NVI “o homem”], para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra.

Sl 8.3-5

3. O chamado de Deus à humanidade em sua Palavra encarnada, Jesus Cristo, é, portanto, universal. Desde seu princípio no ajuntamento de discípulas e discípulos de Cristo e o Dom do Espírito Santo, a Igreja tem testemunhado a universalidade de seu divino chamado em sua missão católica. O Evangelho Cristão, que é boa-nova para todo o mundo, foi rapidamente levado a atravessar fronteiras regionais, intelectuais, raciais e culturais. Esta diversidade é refletida hoje na amplitude de experiências humanas contidas na Comunhão Anglicana. Esta rica experiência é uma grande bênção no discernimento do cumprimento do deleite divino em todo seu povo e os modos infinitamente diversos pelos quais podemos participar na vida de Deus. Ao mesmo tempo, diferenças de cultura, história e experiências podem se tornar uma causa para mal-entendidos e confusão mútuos. Diante de tal diversidade, este estudo guiado procura nos relembrar sobre nossa natureza criada comum segundo a imagem de Deus, a intrínseca dignidade de toda pessoa humana e o chamado à humanidade para a vida plena em Jesus Cristo.
4. O chamado de Deus à humanidade em nosso contexto global contemporâneo força nossa reflexão para além das preocupações intra-anglicanas sobre o que significa sermos uma comunhão de igrejas na direção de questões mais profundas sobre

o que significa ser humano e humana em essência. Em um nível mais fundamental, o contexto presente necessita de uma exploração de uma antropologia teológica como uma rota para o compromisso de nossas relações por todas as divisões globais de riqueza e cultura. Nossa compreensão sobre a humanidade precisa ser informada pelo nosso compromisso com o tesouro da fé, mas também com a experiência daqueles que a sociedade marginaliza. Jesus não era um observador de suas irmãs/ãos sofredoras/es, mas estava entre estas pessoas para servir e transformar, de modo que todas as pessoas pudessem ter vida em plenitude (Mc 10.45; Lc 4.18; Jo 10.10).

5. O guia de estudo procura estabelecer uma ambientação teológica para uma reflexão sobre a natureza da pessoa humana. No contexto amplo do ensinamento da Escritura de que a humanidade é criada segundo a imagem e semelhança de Deus, os temas de “chamado” e “dom” são centrais. Primeiro, há um chamado para a existência no dom da criação. Toda criatura e toda pessoa humana é primeiro e sobretudo um dom de Deus. Segundo, há um chamado à humanidade em Jesus Cristo para uma participação na natureza divina. Este é o segundo dom da graça no qual a imagem divina é manifestada na criatura humana, e nossa humanidade tornada completa e inteira. Deus chama as pessoas humanas para compartilharem, de fato participarem na vida divina.
6. Ao mesmo tempo, a imagem divina na pessoa humana é maculada pelo pecado. Isto acontece em nível tanto pessoal quanto corporativo, caracterizado por uma natureza humana cisalhada da qual todos participamos. O dano à natureza humana causado

pelo pecado dá oportunidade aos desafios políticos e éticos mais difíceis de nosso tempo, por exemplo o desafio da espoliação ambiental e injustiça econômica. Este estudo guiado considerará estas questões a partir da perspectiva da Antropologia Teológica, não como as únicas incidências da injustiça humana, mas como exemplos de como podemos refletir juntos sobre o chamado de Deus para a cura e reconciliação de nossa humanidade comum.

Criação e a Pessoa Humana

7. A compreensão cristã da natureza da pessoa humana inicia-se com a criação. A escritura e tradição cristãs ensinam que Deus cria todas as coisas a partir do nada (*ex nihilo*) em um ato de infinita liberalidade (Rm 11.36; 1Co 8.6; Ap 4.11)². Deus concede à criação a sua própria existência. A criação não adiciona nada a Deus, já que Deus é eternamente pleno; é, portanto, um ato de amor divino gratuito. A carta de Tiago ensina que:

Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não mudam como sombras inconstantes. Por sua decisão ele nos gerou pela palavra da verdade, para que sejamos como os primeiros frutos de tudo o que ele criou.

Tg 1.17-18

8. O ato criacional de Deus na doação do ser criado é uma expressão do amor divino eterno das Pessoas da Trindade. Deus declara que a criação é muito boa (Gn 1.31), e sua condição primordial é de paz (Gn 2.23-25).

9. Na ordem criada, o ensinamento da escritura de que a humanidade é criada segundo a imagem de Deus (*imago Dei*) é central para a compreensão cristã da pessoa humana. Enquanto toda a criação remete à glória do criador (Sl 19.1) a humanidade é única dentre as criaturas porque mulheres e homens são feitas e feitos segundo a imagem e semelhança de Deus.

Então disse Deus: “Façamos a humanidade [n.t.: NVI “o homem”] à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. Criou Deus a humanidade [n.t.: NVI “o homem”] à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”.

Gn 1.26-28

10. A referência a “homem e mulher” em Gênesis sinaliza o escopo todo abrangente da imagem divina: toda pessoa humana, a despeito de sua posição social ou condição, porta a imagem divina. O Novo Testamento explora este mistério, pois a imagem perfeita e eterna do Pai é encontrada no Filho por quem e para quem todas as coisas foram criadas (Cl 1.15-16). Jesus Cristo, como encarnação de tal imagem eterna, é totalmente divino e totalmente humano. Cristo é, portanto, a completude e medida da humanidade, já que em Cristo o chamado à humanidade para compartilhar na vida de Deus é tanto feito quanto cumprido.

A Pessoa Humana como Imagem de Deus

11. Ao refletir sobre a natureza da pessoa humana como tornada imagem de Deus, devemos localizar tal imagem em uma qualidade particular ou capacidade que distingue a humanidade de todas as outras coisas criadas. Porque a escritura ensina que somente seres humanos são criados segundo a imagem e semelhança de Deus, e nenhum dos demais animais, devemos procurar pela imagem divina em uma capacidade que seja unicamente humana. Uma faculdade distintivamente humana que é algumas vezes associadas com a imagem divina é a racionalidade. A habilidade de raciocinar, em seu bom uso, nos possibilita discernir a beleza, verdade e bondade no coração da criação. Podemos raciocinar por meio de encadeamentos filosóficos, artísticos ou científicos. Nossa capacidade intelectual, evidente em uma miríade de formas nas comunidades humanas, abre-nos novos horizontes, novas possibilidades e novos questionamentos. Isto nos capacita a começarmos a perceber a criação como um todo e assim participarmos na razão divina de quem a criou.
12. No pensamento cristão antigo e medieval, e em muitas culturas contemporâneas ao redor do globo, a racionalidade tem um amplo e rico escopo que compreende o esforço criativo humano de maneira bastante ampla. Por exemplo, pensemos na imagem da Escritura do conhecimento de um pastor sobre as ovelhas (Jo 10.14). Também podemos pensar em outras formas íntimas de conhecimento racional. Por exemplo, o conhecimento de uma musicista sobre seu instrumento, um artesão de seu ofício, a mãe de uma criança e uma/um

amante sobre sua/seu amada/o podem ser compreendidos como modos de usar a razão, e brotam de profunda intimidade, compromisso, desejo e amor. Na tradição cristã, tal conhecimento é frequentemente compreendido como sendo o resultado da capacidade intelectual humana que é a imagem do conhecimento amoroso e íntimo de Deus sobre sua criação. Esta capacidade humana para o conhecimento íntimo ou intuitivo é certamente um aspecto do raciocínio e do intelecto, que associamos muito prontamente com o pensamento abstrato ou a investigação científica. Conforme a racionalidade foi compreendida segundo termos cada vez mais restritivos em face do crescimento do “racionalismo” ocidental moderno, a associação da imagem de Deus com a razão e o intelecto se tornou muito exclusivista e menos atraente. Parece associar a imagem de Deus com mera agudeza de pensamento e proeza técnica. A identificação da imagem de Deus com uma compreensão mais estreita de racionalidade e intelecto poderia excluir amplas faixas da comunidade humana.

13. Há outras maneiras de compreender a imagem de Deus na pessoa humana. Uma percepção original importante é encontrada no primeiro capítulo de Gênesis, nomeadamente o mandamento de Deus para os primeiros humanos, “sejam férteis e multipliquem-se!”, “encham e subjuguem a terra!” e exerçam domínio sobre outras criaturas. No contexto da crise ambiental em curso, este é um ensinamento desafiador que será explorado mais detalhadamente a seguir. Alguns comentaristas veem as raízes da exploração ambiental no ensinamento humano centrado de tradições religiosas e, em

particular, no mandamento do Gênesis para que as pessoas dominem sobre a criação.

14. Acaso isto sanciona nosso tratamento à natureza como se fosse apenas um almoxarifado de recursos para nosso uso e exploração? Bem o contrário disto. No mundo antigo, um importante aspecto de ser um ícone do divino era a representação divina na terra. No contexto de Gênesis, isto significa compartilhar no cuidado da criação por Deus. Ao receberem domínio sobre a terra, os seres humanos devem participar no cuidado providencial de Deus da criação, garantindo sua fecundidade e protegendo sua beleza. Como uma imagem de Deus, a humanidade deve cultivar a terra (Gn 2.15) e ordenar e nomear a criação (Gn 2.19-20). Isso implica que a humanidade, como um ícone do criador na criação, carrega a responsabilidade moral do cuidado e do cultivo da boa terra de Deus. A criação é um dom que deve ser conhecido, gozado e nutrido, não um recurso a ser explorado e sofrer abuso. O exercício da capacidade intelectual humana, construída em amplos e ricos termos como uma imagem da razão divina no coração da criação, é um importante aspecto desta vocação.
15. Além de identificar a imagem de Deus pela distinção da humanidade das outras criaturas, teólogos da Igreja primitiva também identificavam a imagem de Deus pela distinção seres humanos de outros tipos de imagens como estátuas. O mundo antigo está cheio de “imagens divinas” na forma de estátuas dos deuses e deusas. Imagens de soberanos e soberanas também eram uma maneira muito prevalente de sinalizar sua presença onipresente, por exemplo, em moedas. O Antigo Testamento,

entretanto, apresenta um bom número de mandamentos para que não se façam ou cultuem tais imagens porque elas podem se tornar ídolos. Tal é particularmente familiar no segundo dos Dez Mandamentos:

Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra.

Dt 5.8

16. Ainda assim Deus faz uma imagem de si mesmo na forma de pessoas humanas. Uma maneira pela qual podemos distinguir uma estátua ou ídolo como uma “imagem divina” da imagem de Deus nas pessoas humanas é pela vida; as pessoas são uma imagem viva de Deus, não uma estátua de pedra inanimada. A criação da pessoa humana no segundo relato da criação em Gênesis sugere que a humanidade recebe o sopro de vida diretamente de Deus:

Então o Senhor Deus formou o gênero humano [n.t.: NVI “o homem”] do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o ser humano [n.t.: NVI “o homem”] se tornou um ser vivente.

Gn 2.7

17. Deus toma o pó da terra e sopra para dentro da mesma o fôlego da vida, direta e intimamente. Não é que a pessoa humana possua a imagem divina como uma espécie de “adicional” ou “ornamento”; na verdade, já que Deus sopra a vida no pó da terra, a pessoa humana em sua totalidade é formada como imagem de Deus por sua natureza. Ao invés dos ídolos

de pedra que se alinhavam nas avenidas das cidades antigas ao longo do Oriente Próximo e Mediterrâneo na Antiguidade, a pessoa humana é viva e incorpora a imagem de Deus, é capaz de responder ao chamado divino e dar voz aos pedidos e louvores da criação. Em nosso culto vivo a Deus, expresso em alma e corpo, participamos na vida de Deus e refletimos a glória de Deus. Assim a imagem de Deus não é estática; no afeto do toque de uma cuidadora, no abraço entre amantes e nos braços abertos do louvor divino, vemos a imagem do amor de Deus fluindo na pessoa humana viva.

18. A identificação de uma característica essencial e comum compartilhada por todas as pessoas humanas na qual poderíamos localizar a imagem divina se demonstrou, no entanto, elusiva. O bispo e teólogo do século IV, São Gregório de Nissa, ensina que devemos olhar não somente os indivíduos, mas toda a humanidade para discernirmos o mistério da imagem divina³. Similarmente, a declaração da Comissão Internacional para o Diálogo Teológico Anglicano-Ortodoxo deixa claro que:

Toda pessoa, feita segundo a imagem de Deus, é inesgotável em seu significado: nenhuma delineação de nossas características humanas pode descrever totalmente as profundezas de nossa personalidade. Cada pessoa dentre nós é um mistério para nós mesmos e uns para os outros. Nos aproximamos deste mistério da personalidade com um senso de admiração e temor. “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser.” (1Jo 3.2).⁴

19. Isto significa que cada uma e toda pessoa é um profundo e único mistério de inestimável valor e dignidade. Todas as vezes em que nos pomos face a face, vemos um reflexo do infinito amor e glória de Deus. O brilho divino em toda face humana. Como o arcebispo [de Cantuária] emérito Rowan Willians escreve:

Isto significa que todas as vezes que me ponho diante de uma outra pessoa humana, estou diante de um mistério. Há um nível de sua vida, sua existência, na qual não posso chegar e que não posso controlar, porque existe na relação com Deus somente – uma palavra secreta que ele diz a cada um, quer ouçam ou se recusem a ouvir... a reverência que devo a cada pessoa está conectada com a reverência que devo a Deus, que as traz à existência e as mantém existindo.⁵

20. Toda pessoa humana, por ser única, insubstituível e misteriosamente criada segundo a imagem de Deus, é merecedora de cuidado e atenção extravagantes. A compreensão cristã sobre o valor da pessoa humana não prioriza a produtividade, sucesso, capacidade mental, juventude, saúde ou conformidade a normas culturais. Seguidores e seguidoras de Cristo vêm em cada pessoa o amor de Deus que deposita a *imago Dei* em todas as pessoas e graciosamente traz esta imagem ao enfoque para refletir mais perfeitamente a glória de Deus:

E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem, estamos sendo

transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito.

2 Cor 3.18

A Pessoa Humana como Dom

21. Ao invés de localizar a imagem divina somente em alguma qualidade ou característica humana essencial, podemos olhar primeiro para Deus e o chamado divino à humanidade como um todo. Tal chamado é ouvido primeiro na Palavra criativa de Deus (Gn 1.3 e Jo 1.3-4) na qual a criação é chamada à existência. A principal verdade de cada criatura é que ela recebe sua existência como um dom, já que nenhuma criatura tem em si o fundamento de sua própria existência. Toda criatura, inclusive toda pessoa humana, é em primeiro lugar e principalmente um dom para si mesma. Como o teólogo Reformado João Calvino escreve no início de seu *Institutas da Religião Cristã* (1559):

Ninguém pode olhar para si mesmo sem imediatamente voltar seus pensamentos para a contemplação de Deus em quem ele “vive e se move”. Já que muito claramente os altíssimos dons com os quais somos dotados são dificilmente para nós mesmos; de fato, nossa mera existência não é nada senão subsistência no Deus Uno.⁶

22. Qual é a importância de compreender a pessoa humana como um dom? As Escrituras refletem profundamente sobre o significado de dom. Paulo escreve: “Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não

tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?” (1Cor 4.7). O Espírito Santo, frequentemente conhecido na tradição cristã como “o dom”, é a fonte dos dons que formam a Igreja como o corpo de Cristo (1Cor 12). As relações humanas são expressas através de dons, sejam eles tempo, talento, habilidades, atenção, cuidado ou dinheiro. Esses são dons de amor que formam e expressam uma relação e, portanto, carregam significado e significância, não simplesmente utilidade. Na entrega de um dom, o que é dado carrega algo do doador ao destinatário. A partilha mútua de dons forma laços familiares e comunidade.

23. Em comum com toda a criação, a humanidade recebe a si mesma como um dom de Deus. O dom de nossa humanidade traz algo do doador, Deus, ao destinatário, a pessoa humana. Embora a humanidade receba tudo de Deus, tal é chamada em retorno a doar a si mesma a Deus em ação de graças. A humanidade é chamada ao intercâmbio amoroso, ou comunhão, com Deus e dá voz ao dom da criação de louvor e ação de graças. O intercâmbio recíproco de dons com Deus é refletido no hino de louvor do Rei David quando da oferta para a construção do primeiro Templo em Jerusalém. Esta prece é utilizada costumeiramente no ofertório na liturgia eucarística.

Teus, ó Senhor, são a grandeza, o poder, a glória, a majestade e o esplendor, pois tudo o que há nos céus e na terra é teu. Teu, ó Senhor, é o reino; tu estás acima de tudo. A riqueza e a honra vêm de ti; tu dominas sobre todas as coisas. Nas tuas mãos estão a força e o poder para exaltar e dar força a todos. Agora, nosso Deus, damos-te graças,

e louvamos o teu glorioso nome. “Mas quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos contribuir tão generosamente como fizemos? Tudo vem de ti, e nós apenas te demos o que vem das tuas mãos.

1Cr 29.11-14

24. A humanidade é, portanto, não simplesmente o recipiente dos dons de Deus, mas é chamada a oferecer a si mesma como um dom a Deus – um “sacrifício vivo” oferecido em agradecimento e louvor (Rm 12.1). A humanidade é chamada a uma relação recíproca de comunhão com Deus na forma de intercâmbio de dons⁸.
25. Enquanto a humanidade recebe o primeiro dom de Deus no chamado à existência e vida, ela recebe um segundo dom de graça no chamado à vida eterna por Jesus Cristo no Espírito Santo. Esta é a vida que recebemos em nosso segundo nascimento quando do batismo. Assim a imagem de Deus na pessoa humana pode não somente ser encontrada em uma capacidade ou característica humana comum, mas no chamado gracioso de Deus à comunhão pela partilha da completude de sua vida e refletindo sua eterna glória em, por e para além do mundo. O dom e chamado a participar na natureza divina são feitos a cada pessoa humana, sem distinção de posição social ou condição. Tal sugere que a imagem de Deus na humanidade pertence não somente a nosso início como criaturas partilhando a imagem divina, mas também nosso fim no *eschaton*, pois “quando ele for revelado, nós seremos como ele, e o veremos como ele é” (1Jo 3.2). O drama da salvação é, portanto, a cura e cumprimento pleno da imagem divina dada

primeiro na criação da humanidade, na qual nós participamos na transfiguração de Cristo para brilhar com toda a glória de Deus.

E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor segundo a sua imagem, estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito.

2Co 3.18

Cristo, a Imagem Eterna

26. O Novo Testamento aprofunda nossa compreensão sobre a pessoa humana como uma imagem de Deus com referência a Cristo. Na carta de Paulo aos Colossenses, lemos que:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.

Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz.

Cl 1.15-20

27. Paulo ensina que Cristo é a imagem eterna do Pai, pois “foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude” (Cl 1.19). Cristo é da mesma substância do Pai e, portanto, é sua imagem idêntica; ele ensina que “O Pai e eu somos um” (Jo 10.30). Como a encarnação do eterno Filho de Deus, a Palavra feita carne, Cristo também é plenamente humano. Na pessoa de Cristo, portanto, encontramos a imagem perfeita de Deus em forma humana. Cristo é a imagem eterna que também é “Emmanuel”, Deus conosco (Mt 1.23).
28. Isso retira da pessoa humana a imagem de Deus? Não, porque a pessoa humana é uma imagem de Deus em e por meio de Cristo. Paulo ensina que todas as coisas no céu e na terra foram criadas por meio de Cristo e para Cristo e “nele tudo subsiste” (Cl 1.17). A Palavra eterna e sabedoria de Deus está, portanto, inscrita em toda criatura. Na pessoa humana, a imagem e semelhança divinas estão inscritas de modo especial, e tal é confirmado e plenificado na tomada da carne humana por Deus em Jesus Cristo. Complementarmente, o Novo Testamento fala abundantemente da incorporação da pessoa humana em Cristo. Essas são imagens profundamente íntimas nas quais a força vital de Cristo se torna nossa própria força vital. Ao ser enxertada em Cristo, que é a imagem eterna e perfeita de Deus que partilha a mesma natureza do Pai, nossa humanidade é trazida à sua plenitude como a imagem criada de Deus. As palavras de Jesus tornam clara a intimidade de sua relação com a humanidade:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta;

e todo que dá fruto ele poda, para que dê mais fruto ainda. Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado. Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim.” Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.

Jo 15.1-5

29. Nós, portanto, temos um retrato vívido da humanidade como imagem divina que começa na criação e anseia a perfeição da imagem divina no fim dos tempos. A pessoa humana é criada como portadora da imagem do divino e, como tal, esta imagem divina é nossa por natureza. Ela pertence a todas as pessoas. Cristo é aquele em quem, por quem, e para quem todas as coisas foram feitas, assim Cristo é o início ou Alfa de nossa humanidade. Ao mesmo tempo, a pessoa humana é criada para partilhar de forma particular na vida eterna de Deus. Ser a imagem de Deus pela partilha na vida eterna de Deus não é algo realizado por qualquer capacidade ou função natural humana. Não podemos aperfeiçoar a nós mesmos como ícones divinos por nossa própria capacidade. Em vez disto, nossas capacidades naturais e vocação são aperfeiçoadas pela graça de Deus que vem por meio de Cristo, em cujo corpo somos incorporados pelo batismo e eucaristia. A imagem divina é trazida à tona à medida que somos incorporados em Cristo, a eterna e perfeita imagem de Deus Pai. Assim como é nosso início ou Alfa, Cristo também é nosso objetivo ou Ômega,

já que ele é a Palavra eterna tornada carne que nos arrasta à vida de Deus por meio de sua morte e ressurreição (Ap 1.8, 21.6, 22.12). A pessoa humana é aperfeiçoada como imagem de Deus precisamente ao ser incorporada na vida da eterna e perfeita imagem que é Cristo nosso Senhor.

30. Isso significa que Cristo *baliza* a vida de toda pessoa humana, já que ele é nosso começo e fim. Somos criadas/os por natureza para portarmos a imagem de Deus na e pela eterna e perfeita imagem da Palavra que se tornou encarnada em Cristo. Enquanto toda pessoa humana partilha um início natural como criatura à imagem de Deus, também compartilhamos um desejo por um fim sobrenatural – compartilhar na vida eterna de Deus. Tornamo-nos cada vez mais imagens vívidas de Deus pela incorporação na vida de Cristo pelo gracioso dom do Espírito Santo. Encontramo-nos numa miríade de locais e condições entre nosso início comum e o fim ou objetivo para o qual Deus nos chama, enquanto Cristo caminha com cada pessoa humana para mostrar a glória à qual a humanidade é vocacionada. Isto aloca a imagem de Deus não principalmente na capacidade ou função humana; mas primeiro e acima de tudo na pessoa humana de Cristo, imagem eterna feita carne. A pessoa humana como uma imagem de Deus compartilha em Cristo a imagem eterna na criação e redenção.

A Pessoa Humana e a Imagem do Amor

31. À medida que a pessoa humana é incorporada em Cristo, a imagem de Deus é aperfeiçoada pela graça. A vida para a qual Cristo nos conduz é ao mesmo tempo a sua própria e também

toda a vida de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. A fé cristã professa que Deus é amor. O amor é relacional. Deus é a eterna relação de amor cujo nome é Pai, Filho e Espírito Santo, o único em quem “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17.28). Este amor eterno é revelado na história, e a encarnação do Filho de Deus que nos mostra o Pai e dá o Espírito Santo (Jo 14.8-14, 20.22).

32. A revelação de Deus que é amor, segundo cuja imagem somos criadas/os, é o assunto da meditação de João em sua primeira carta no Novo Testamento.

Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está perfeiçoado em nós.

1Jo 4.7-12

33. O amor não é somente um mandamento, mas é em primeiro lugar um dom. Ele começa com o dom amoroso de Deus na criação, que é revelado mais completamente no dom do próprio ser de Deus na encarnação do Filho de Deus. João escreve sobre Deus enviando seu Filho “para que vivamos por

meio dele” (1Jo 4.9). Deste modo Deus exerce seu amor: pela autodoação, mesmo até a morte. Como somos conduzidas/os a este amor? Pelo dom não somente do Filho, mas também do Espírito Santo.

Sabemos que permanecemos nele, e ele em nós, porque ele nos deu do seu Espírito. E vimos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho para ser o Salvador do mundo. Se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus. Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

1Jo 4.13-16

34. A carta de João, portanto, nos ensina que vivemos em Deus por meio dos dons do Espírito Santo, que nos torna capazes de ver e testemunhar que o Pai enviou o Filho como o Salvador do mundo. Quando vivemos no amor eterno revelado em Cristo pelo Espírito, vivemos em Deus, e Deus em nós.
35. Há, portanto, um elemento crucial no ensinamento de João que é de importância ímpar. O ardente amor que Deus derrama na criação, e mais ainda nos seres humanos como criaturas portadoras da imagem e semelhança de Deus, derrama-se por toda a extensão das vidas humanas:

Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros.

1Jo 4.11

36. O amor humano em toda sua riqueza e glória, particularmente nosso amor umas/uns pelas/os outras/os, pousa no centro de nossa compreensão sobre a imagem divina na pessoa humana. Todo ato de autodoação humana – da vida, atenção, cuidado paternal, os suaves toques entre amantes e compromissos vitálicos de muitos tipos – são iluminados pela imagem divina. Se somos pessoas que se amam umas às outras, Deus vive em nós e sua imagem é aperfeiçoada em nós. Em sua forma mais madura, o amor humano é uma resposta a nossa experiência de sermos primeiro pessoas amadas por Deus. Reconhecemos a nós mesmas/os no mais íntimo de nosso ser como criaturas e objetos do amor eterno. Tal amor transborda abundantemente sobre aquelas pessoas em torno de nós. Vista de tal forma, a imagem de Deus na pessoa humana é ativa, dinâmica e viva.
37. Este amor, entretanto, não é meramente sentimental. Sentimentos podem aflorar e diminuir muito rapidamente. O amor de Deus é diferente. De acordo com a Escritura, uma das características mais proeminentes do amor de Deus é a fidelidade, mesmo em face da infidelidade e rebeldia humanas (Dt 7.9; Sl 91.4, 103.15-17; Os 11.8-9, 1Co 1.9, 1Ts 5.24, 2Ts 3.3; 1Jo 1.9). Este amor é duradouro e não volta sua face. Paulo resume o caráter da fidelidade amorosa de Deus lindamente em sua primeira carta aos cristãos em Corinto:

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece.

1Co 13.7-8

38. Portar a imagem de Deus mais plena e profundamente requer a graça divina; e também requer de nós o nosso melhor. Em nossa fidelidade a Deus em Cristo, em nossa fidelidade uns aos outros e a nós mesmos, vemos a imagem de Deus que é amor, cuja fidelidade é eterna.

Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente.
Que todo o espírito, alma e corpo de vocês seja conservado irrepreensível na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.
Aquele que os chama é fiel, e fará isso.

1Ts 5.23-24

A Pessoa Humana em Relação

39. A singular proclamação cristã de que Deus é revelado como Trindade presta-nos uma compreensão singular da imagem de Deus na humanidade. Deus revela a si mesmo em Cristo como uma relação de Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Cada Pessoa da Trindade está em relação com as outras Pessoas; Deus é pura relacionalidade. Na tradição patrística cristã, as Pessoas da trindade são distinguíveis somente por meio de suas eternas procedências como articuladas no Credo Niceno: o Pai é mistério fontal, o Filho é eternamente gerado pelo Pai, o Espírito que procede do Pai. Quando falamos das Pessoas da Trindade, não falamos de três “pessoas”, três centros de consciência ou três “partes” da Trindade. Cada Pessoa da Trindade é a plenitude de Deus que é o eterno intercâmbio de amor (1Jo 4.16). Isto não quer dizer que conhecemos Deus em seu ser, mas dizer que devemos falar de Deus como uma relação de amor que é revelada por Cristo e refletida, embora

de forma esmaecida, na criação. Assim, os seres humanos, que são criados segundo a imagem de Deus, também devem ser conhecidos e reconhecidos por suas relações na comunhão da vida.

40. Há, entretanto, somente uma relação que é completamente definidora de toda criatura: sua relação a Deus que cria todas as coisas. Fora desta relação com Deus, o criador, toda criatura, incluindo a pessoa humana, não é nada. Enquanto toda pessoa humana é o fruto de uma relação parental e adentra numa variedade de relações vivas como, por exemplo, entre irmãos e irmãs, esposo e esposa, pai e mãe, amigo e amiga, colega, liderança ou ajudador, nenhuma relação única entre pessoas humanas define totalmente essas pessoas. Uma mulher pode ser uma mãe, irmã, amiga ou cuidadora, mas nenhuma dessas relações, embora preciosa e valiosa, captura perfeitamente a profundidade da humanidade desta mulher. Nossas relações enquanto criaturas são fluidas, e nenhuma relação entre criaturas compreende o mistério de nossa humanidade e todas suas possíveis manifestações. Ainda assim por meio dessas relações aprendemos sobre, e participamos na, nossa fundamental relação com o Pai, Filho e Espírito Santo, em quem “vivemos e nos movemos e existimos” (At 17.28).
41. O Gênesis ensina que a humanidade é feita segundo a imagem de Deus em uma relação entre o masculino e o feminino (Gn 1.27, 2.21-23). No profundo anseio por relação, a criatura humana foi presenteadada com os animais da criação de Deus e assim os nomeou (Gn 2.19-20). Ainda assim nenhum animal respondeu a seu nome. Somente na carne de sua carne e osso

de seus ossos que o homem encontra a plenitude da humanidade. De forma importante, homem e mulher comungam na linguagem; uma pessoa responde a outra. A fala humana, que é crucial para as relações humanas, por sua vez responde ao chamamento criativo divino – “Que haja luz” – por meio da prece e do louvor. A fala é preeminentemente relacional e, na conversa do homem e da mulher, a criação torna-se capaz de clamar Deus e dizer seus louvores ao criador.

43. Enquanto a escritura e a tradição cristãs ensinam que a humanidade é criada homem e mulher e que a vida é dada por meio desta diferença fundamental pela procriação, a profundidade e complexidade do gênero e do sexo tanto em sua expressão cultural quando estrutura biológica deve ser reconhecida. A criação da humanidade como homem e mulher inclui a totalidade da variedade das experiências humanas e olha adiante para a consumação de nossa humanidade comum na ressurreição final.

Assim está escrito: “O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente”; o último Adão, espírito vivificante. Não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual. O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, do céu. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são do céu, ao homem celestial. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial.

1Co 15.45-49

43. O dom do casamento na criação é um aspecto importante da compreensão cristã sobre a pessoa humana. A plenitude da

criação e a completude do reino dos céus no qual todas as coisas são reunidas é figurada na união do casamento. Isto pode ser visto mais claramente na escritura pela união de Cristo o noivo com sua noiva a Igreja (Ef 5.25-33) e a união de Cristo e da Igreja como um único corpo (1Co 12.12-14; Ef 1.22-23). A Eucaristia – o dom do corpo e sangue de Cristo – sacramentalmente realiza a união de Cristo e da Igreja (1Co 10.16-17). Neste sentido, a Eucaristia é interpretada como uma festa de casamento: a celebração de uma união entre Cristo e a Igreja. É uma antecipação da festa de casamento quando do *eschaton* (Ap 19.6-9). A doação esponsal de si mesmo e mesma no casamento – uma rendição do corpo e da alma – é um tipo do dom sacrificial de Cristo por sua noiva a Igreja (Ef 5.25).

44. Enquanto o casamento permanece central para a antropologia cristã, também o é a vocação para a vida celibatária, quer religiosa ou secular. Tal vocação deixa a pessoa humana aberta a uma amplitude de relacionamentos e chamados que são frutuosos em uma miríade de maneiras, dando testemunho do amor e fidelidade de Deus pela autodoação em favor do bem de outros e da vida da Igreja.

A Liberdade da Pessoa Humana

45. Deus é eternamente livre. Deus cria em liberdade soberana, sem nenhum constrangimento por nada preexistente e sem ser movido por nenhuma lacuna. A liberdade de Deus não é somente uma mera liberdade de vontade, como se Deus simplesmente selecionasse de uma série infinita de opções. A liberdade de Deus consiste na perfeita e eterna expressão

da natureza de Deus. Nesta liberdade soberana, Deus elege a humanidade como uma expressão de sua eterna bondade (Ef 1.2-6). A liberdade da pessoa humana, portanto, é um aspecto da imagem divina na humanidade. Todo obstáculo à liberdade humana na forma de pecados, opressões, coerções e violências são uma afronta à dignidade e chamado divinos da pessoa humana.

46. No discurso contemporâneo, a liberdade é por vezes compreendida como uma categoria política que se refere à auto-determinação. Algumas vezes construído discursivamente de forma negativa como liberdade *de* alguma restrição ou limitação. O libertarianismo compreende que a liberdade consiste em opção de escolha sem nenhuma limitação ou determinação. Na tradição cristã, no entanto, a liberdade não é simplesmente liberdade de opção. A liberdade não é aumentada ou aprofundada simplesmente pela apresentação a pessoas humanas e comunidades de opções de escolhas cada vez mais ilimitadas. De fato, a liberdade divina não consiste em Deus deliberar entre opções, já que Deus eternamente deseja apenas o bem. O bem não é uma opção dentre outras que poderíamos ou não escolher. Assim, a verdadeira liberdade humana consiste não simplesmente no exercício da vontade ao fazer opções, mas na habilidade de desejar o bem. Pelos graciosos dons do Espírito Santo, a humanidade é ensinada nas virtudes, mais particularmente as virtudes da fé, esperança e caridade, que juntas orientam o desejo a Deus e nos abrem para recebermos o dom da vida eterna. A plenitude da liberdade humana é fundamentada em Deus “em cujo serviço está a liberdade perfeita”⁹.

47. Além disto, na tradição cristã a liberdade não é apenas um esforço meramente humano ou uma esperança política; tem conseqüências mais amplas e profundas. Ser livre é ser uma filha ou filho de Deus na e para a criação. Na carta de Paulo aos Romanos, ele deixa claro que a liberdade humana, a liberdade das filhas e filhos de Deus, pousa no coração da liberdade da criação.

A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à futilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo.

Rm 8.19-23

48. A natureza criada espera que as/os filhas/os de Deus sejam reveladas/os, pois a criação partilhará na “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8.21). Paulo continua para deixar claro que esta liberdade se inicia na liberdade e prece quando clamamos Deus em nossa fraqueza. Somos atraídos para a vida do próprio Espírito.

Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele

que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus.

Rm 8.26-27

49. A oração, portanto, torna-se integrada à nossa liberdade, a liberdade no Espírito de clamar “Abba! Pai!” (Gl 4.6). Esta liberdade é um aspecto central de nossa participação na imagem divina. Orar é ser humano, e ser humano é dar voz ao anseio da criação pela liberdade e glória por meio da oração. Esta é a vocação humana no cerne da criação à medida que somos atraídos e atraídas para o Espírito que “intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26).

A Quebra da Imagem de Deus: o Pecado Humano

50. A Escritura, assim como a história e experiência humanas, nos lembram que a imagem de Deus na pessoa humana é tragicamente desfigurada e distorcida. Este é o estado do pecado humano do qual toda pessoa humana carece de redenção. Ainda assim a graciosidade de Deus em Cristo faz mais que simplesmente “pôr de volta” a imagem de Deus na pessoa humana; como vimos, ela aperfeiçoa a imagem para que partilhemos a glória eterna de Deus.
51. O que é “pecado”? As palavras grega e hebraica para pecado tem suas origens no tiro com arco e arremesso de lança. Elas se referem a errar o alvo, estar longe do objetivo, não fazer as coisas exatamente certo ou desviar-se do alvo. Portanto, um pecado é literalmente uma falta – uma falha do desejo de acertar o alvo, uma falha em cumprir nossas melhores intenções, e

falhar em alcançar os bons objetivos que Deus deseja para nós. Claro que pecado refere-se àquelas coisas que associamos com falha moral aguda, mas também se refere àqueles pequenos, mas maus, hábitos que danificam nossos relacionamentos com Deus e uns com os outros – os hábitos de pensar muito rapidamente mal de outras pessoas, de ter prazer na falha alheia, de culpar outras pessoas, de pensar em si mesmo ou na própria reputação acima de todas as coisas; hábitos de cobiça, ciúmes, inveja, ressentimento e ingratidão. Somos feridos por mil cortes – as pequenas coisas diárias que murcham nossas almas, azedam nossos relacionamentos, embotam nossos sentidos a respeito do amor de Deus e nos tornam menos humanos e humanas.

52. Pecado, portanto, não é somente a lista de coisas más que fazemos todos os dias ou semanas. Mais que isto, é uma condição ou estado, mais como uma doença que afeta o corpo e alma. Pecado é algo que afeta o modo que estamos antes de afetar o modo que agimos. Ele diminui nossa humanidade. Pecado é um estado do qual todos compartilhamos; é um emaranhado no qual estamos perdidos de Deus e o estranhamos. Também estamos perdidos na tendência do mundo ao egoísmo e cobiça. Estamos perdidos em nossa inabilidade de realmente acreditar que o mundo, com toda sua pobreza, violência e injustiça, pode ser realmente transformado. Pecado é nossa tendência a sermos idólatras como os israelitas na aridez e selvageria do deserto (Ex 32): inventar deuses nos quais pomos toda nossa fé e confiança, para adorar a nós mesmos e nossas próprias habilidades. Em termos paulinos, pecado é aquela tendência cotidiana de nos conformarmos a este

mundo em vez de sermos pessoas renovadas e transformadas segundo a mente de Cristo (Rm 12.2).

53. Uma compreensão mais ampla, social, relacional e estrutural do pecado pode nos ajudar também a compreender a condição humana como a das pessoas criadas e decaídas que são atraídas para a órbita de forças destrutivas sobre as quais têm somente controle limitado, e sobre as quais não têm sempre percepção. Pecado, neste contexto, não é algo reduzido a uma opção ou ação individual livremente escolhida, mas ampliada à participação em sistemas opressores maiores, e o quebrantamento partilhado por pessoas e comunidades pelas experiências da vida e sistemas aos quais estão sujeitas. Todas as igrejas frequentemente participaram em opressões relacionadas ao poder, usando escritura e tradição para justificarem suas práticas. A história da Igreja nos lembra que ser uma pessoa cristã não é garantia de que nossas perspectivas e ações serão sempre informadas pelo amor e pelo jeito de pensar de Cristo. Em contrário, nos alerta para que demonstremos a humildade apropriada em nossas ações e pronunciamentos, reconhecendo que mesmo quando procuramos fazer o bem, podemos ao invés sermos profundamente influenciados pelo mundo em torno de nós, e por nosso próprio desejo de poder e aceitação. Para algumas pessoas, o patriarcado seria um exemplo primário de tais sistemas opressivos. A transformação é necessária, mas não está limitada ao tipo de transformação pessoal que falamos em termos de escolhas individuais éticas. Ela requer uma cura mais profunda de nossa natureza humana e a restauração da imagem divina em cada pessoa.

54. Por ser um estado decaído, o pecado também afeta a humanidade ao longo de épocas e gerações. Herdamos e vivemos com as injustiças e desumanidades de cristãs/ãos de tempos pregressos e devemos reconhecer tais falhas porque somos partes de um único corpo de Cristo. Como pessoas cristãs, confessamos nosso pecado tanto individual quando corporativamente, por nós mesmos, nossa geração e gerações passadas. O Arcebispo Emérito de Cantuária, Rowan Willian, expressou convincentemente desta posição ao falar em 2006 durante aquele ano que marcou o bicentenário da abolição do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Enquanto oferecia um pedido de desculpas pela participação da Igreja neste crime contra a humanidade, ele disse:

O corpo de Cristo não é somente um corpo que existe somente a um tempo; ele existe através da história e, portanto, partilhamos da vergonha e pecaminosidade de nossos predecessores e parte do que podemos fazer agora, com eles e para eles no corpo de Cristo, é um reconhecimento orante do fracasso que é parte de nós e não somente de um distante “eles”.¹⁰

55. O pecado que continua na escravidão moderna, tráfico de pessoas, violência doméstica e abuso sexual requer constante arrependimento à medida que buscamos a graça de Deus para restaurar a imagem da glória divina na comunidade humana. A teologia do pecado não olha simplesmente para a culpabilidade moral pessoal. Ela aponta para o estado decaído da humanidade no qual somos convidadas e convidados ao arrependimento por parte do mundo maculado no qual todas/os

somos criadas e criados, no qual nós estamos todas/os implicadas/os, no qual os mais hediondos abusos de pessoas humanas é tornado possível.

56. Olhando as origens do pecado como a quebra e diminuição de nossa humanidade, o livro de Gênesis nos conta sobre o pecado adentrando a criação quando Adão e Eva comem o fruto da árvore do conhecimento do bem e mal. O primeiro efeito do pecado é tornado claro.

Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: “Onde está você?” E ele respondeu: “Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi”.

Gn 3.8-10

57. O homem e sua esposa se escondem. O pecado fecha-nos em nós mesmos, nos tornando envergonhados de nossa humanidade e dos cantos escuros de nossos corações. O pecado nos interrompe em nossa abertura a outras pessoas e a Deus. Isto traz consigo certo medo – um medo da vergonha, um medo da verdade, um medo de Deus, um medo de nós mesmos. Todos temos cantos escuros em nossos corações que preferiríamos que outras pessoas nunca vissem e que usualmente fingimos não existirem.
58. Seguindo o relato sobre o pecado em Gênesis, o Antigo Testamento nos conta do desejo de Deus por encontrar um

modo de adentrar no coração cerrado da humanidade, especialmente através dos profetas. No fim, a humanidade está tão fechada a Deus que Deus precisa encontrar este caminho pela tomada da natureza humana para si mesmo – pela entrada no coração da humanidade na encarnação. A rota para dentro da criação e coração humano é Maria, a *Theotokos* ou “Portadora de Deus”. Ela é bendita e favorecida porque o pecado não a fechou em si mesma. Em sua simplicidade e humildade, Maria permanece aberta a Deus. O Anjo Gabriel saúda Maria e diz a ela que ela gestará uma criança que será chamada “o Filho do Altíssimo” (Lc 1.32). Sua resposta, “que aconteça comigo conforme a tua palavra”, é uma expressão da mais profunda fé nos propósitos amorosos de Deus. Sem medo e sem permanecer fechada em si mesma, Maria pôde receber a Palavra de Deus.

59. Mais tarde, no Evangelho de Lucas, aprendemos sobre a resposta de Maria no cântico que habitualmente chamamos de *Magnificat*:

Minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, pois atentou para a humildade da sua serva. De agora em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Poderoso fez grandes coisas em meu favor; santo é o seu nome.

Lucas 1.46-49

60. Como Maria, uma pessoa humana, poderia “engrandecer” Deus? [n.t.: jogo de palavras em inglês com as palavras latinas *magnificare*, origem de *magnificat* e cujo o significado literal é “engrandecer” e a palavra inglesa *magnify*, com o mesmo

significado semântico, embora usualmente traduzido por “ampliar” em muitas ocasiões, por mero automatismo nosso, pessoas lusófonas]. O que isto significa é que Maria não deseja atenção sobre si mesma, mas sobre Deus. Ela engrandece Deus no sentido em que aponta-nos o amor salvador de Deus. Ao fazer isto, Deus também a engrandece: o Senhor faz grandes coisas por sua humilde serva. Como Maria está aberta a Deus e engrandece Deus, assim sua humanidade é engrandecida – tornada mais plena, mais radiante e mais bela. Este não é um jogo de placar zero-algo no qual ou Deus é glorificado ou a humanidade o é. Em nossa glorificação de Deus, em nossa abertura a seu amor, nossa humanidade é sanada e restaurada; é tornada plenamente o que Deus deseja que venha a ser. Como o bispo e teólogo do segundo século Irineu de Lião formula: “A glória de Deus é o ser humano vivente, de a vida da pessoa é a visão de Deus”.

A Pessoa Humana e o Senhorio: Justiça Ambiental

61. O Gênesis ensina que Deus ordenou à humanidade: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (Gn 1.28). Isto levou à percepção de que a humanidade está posta à parte da criação como realidade mais ampla e possui uma vocação especial com respeito a outras criaturas. É dito algumas vezes que o ensinamento da escritura de que a humanidade tem senhorio sobre criaturas abriu espaço para a percepção de que a natureza é simplesmente um recurso para nosso usufruto e nosso uso e abuso; é algumas algo que dominamos em vez de

nutrir e ajudar a crescer. Isto põe a pessoa humana acima do mundo natural e sugere que a criação para além da humanidade não tem significado intrínseco, propósito ou valor além de sua utilidade para seres humanos.

62. Está acima do razoável que a humanidade e a terra encaram uma crise sem precedentes por causa da espoliação, poluição, aquecimento global e mudança climática¹¹. O aumento do dióxido de carbono, principal gás de efeito estufa, aumentou dramaticamente nas décadas recentes; tal está ligado ao uso mais intensivo de combustíveis fósseis em seguida à Revolução Industrial. O aumento do nível dos mares danifica ecossistemas costeiros, forçando populações à interiorização. Em contraponto, isto pressiona adicionalmente as terras de uso agrícola. O desflorestamento, ligado à maior demanda por áreas para pasto de animais de corte, tem consequências dramáticas para o ecossistema global. O aquecimento global resulta em mudanças climáticas e na maior incidência de eventos climáticos extremos. Há pouca dúvida de que as comunidades mais pobres do mundo sentem os efeitos da espoliação e degradação ambientais mais imediatamente e com força desproporcionalmente mais intensa.
63. Pode a tradição cristã oferecer recursos para reimaginar o relacionamento da humanidade com a criação para além de si? Este é um tópico de grande complexidade e gravidade. Há três percepções importantes iniciais às quais o interessado deve se referenciar brevemente para reflexão adicional.
64. Primeiro, a tradição cristã reflete sobre o local da humanidade no coração da criação. Somos uma das criaturas de Deus. Adão

é formado “do pó da terra”. Isto conecta a pessoa humana ao elemento mais básico da criação de Deus; somos feitos do pó da terra. O antiquíssimo hino à criação, *Benedicite*, um cântico utilizado na Oração da Manhã no *Book of Common Prayer* (1549/1662) e aqui em tradução livre no idioma português, coloca os seres humanos no cerne da criação de Deus, não acima dela. Em comum com todas as criaturas, a humanidade louva o criador.

Ó vós Baleias, e tudo que se move nas Águas, bendizeis ao Senhor:

louvai-o, e exaltai-o para sempre.

Ó vós Aves do Céu, bendizeis ao Senhor:

louvai-o, e exaltai-o para sempre.

Ó vós Bestas e Animais de rebanho, bendizeis ao Senhor:

louvai-o, e exaltai-o para sempre.

Ó vós Crianças da Humanidade, bendizeis ao Senhor:

louvai-o, e exaltai-o para sempre.

Ó que Israel bendiga ao Senhor:

louvai-o, e exaltai-o para sempre.

65. A convicção medieval cristã de que a humanidade é um microcosmo da criação, partilhando todos os aspectos da natureza criada ao ser tanto material quando intelectual (portanto tendo algo em comum com tudo, desde pedras até os anjos), garantia de que a humanidade estava no cerne de uma criação unificada, não separada da mesma. O significado, propósito e bem-estar da comunidade humana está intimamente ligada com os mesmos da criação como um todo. Isto significa que, embora compreendamos que a humanidade possui senhorio

sobre a criação, isto não significa dominação. Tal se refere a uma participação no cuidado providencial de Deus de toda a criação que é boa, que participa inteira na liturgia do louvor divino. Todo abuso, espoliação e manipulação desta natureza que está fora das boas finalidades que Deus estabeleceu para a fértil criação é, portanto, um esmaecimento da imagem divina na humanidade e traição de nossa vocação para sermos ícones de Deus no cuidado das criaturas e da terra.

66. Em segundo lugar, a tradição cristã oferece algumas percepções importantes críticas sobre as presunções do capitalismo global, que alguns consideram uma guia significativa do comportamento em direção à espoliação ambiental. O capitalismo moderno tem como motriz intelectual uma crucial, porém questionável, presunção, nomeadamente de que a humanidade tem infinitos “desejos” ou “anseios” enquanto o mundo oferece apenas recursos finitos. O problema fundamental contemplado pela Economia moderna enquanto disciplina investigativa é a escassez; não há, aparentemente, o suficiente para atender aos desejos e anseios de todas as pessoas. Nossos apetites são insaciáveis. É-nos mister, portanto, produção cada vez maior de riqueza material por meio de uma demanda implacável, porém pouco questionada por crescimento econômico.
67. Em contraste, o Antigo Testamento oferece à humanidade um importante conceito: o de haver “o suficiente” para tanto nossas necessidades quanto nosso deleite. Isto é particularmente claro na lei do Levítico que ensina sobre as colheitas.

Quando fizerem a colheita da sua terra, não colham até às extremidades da sua lavoura, nem ajuntem as espigas

caídas da sua colheita. Deixem-nas para o necessitado e para o estrangeiro. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês.

Lv 23.22 (veja também Dt 24.19-21)

68. Os israelitas recebem a ordem de não colherem toda a lavoura, como se houvesse apenas exatamente o necessário para os mesmos. Há o suficiente para alimentar todas as pessoas; nossa atenção às necessidades dos mais pobres precisam estar no cerne da produção de alimentos. Além disto, a terra cultivável não precisa ser trabalhada incessantemente. Uma partilha no descanso sabático é concedida a toda a criação e indica que há mais que o suficiente para todas as criaturas de Deus.

Plantem e colham em sua terra durante seis anos, mas no sétimo deixem-na descansar sem cultivá-la. Assim os pobres do povo poderão comer o que crescer por si, e o que restar ficará para os animais do campo. Façam o mesmo com as suas vinhas e com os seus olivais.

Ex 23.10-11 (veja também Lv 25.4-5)

69. A avareza tem raiz em nossa ansiedade de que nunca haverá o suficiente para nossos desejos e anseios. Isto pode ser desafiado por uma compreensão renovada da abundância da criação e da vocação humana a nutrir, compartilhar e gozar de tal abundância. A lei do Antigo Testamento testifica que há o suficiente para o desejo e anseio humanos. É importante decidir o que conta como “suficiente”, não somente para a pura necessidade, mas também para o deleite e celebração da vida, de modo que a criação não seja pilhada em função de uma cobiça humana aparentemente insaciável.

70. Terceiro, a criação é um dom. Como qualquer dom, ela carrega significado e significância para além do mero uso; algo do doador, Deus, é dado aos recipientes, as criaturas de Deus. Implícito num dom dado está o chamado para o reconhecimento na forma de ação de graças. Isto impõe uma obrigação moral sobre nós, os recipientes, para guardarmos e ajudarmos tal dom a crescer. Também nos convida a compartilhar o dom para que assim ele seja novamente doado. Pelo intercâmbio de dons e partilha na boa criação de Deus, laços sociais são aperfeiçoados, e nossa humanidade é elevada pelo aprofundamento de nossa vida comum ou comunhão.
71. Após o dom da criação mesma, o segundo Dom de Deus é alimento para sustentar a vida de toda criatura. Lemos sobre isto em Gênesis, no relato do sexto dia da criação. Deus primeiro se preocupa com o homem e a mulher sobre suas próprias necessidades, então lhe conta sobre a provisão para suas criaturas.

Disse Deus: “Eis que lhes dou todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês.

E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão”. E assim foi. E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia.

Gn 1.29-31

72. Sabemos do deleite e significado dos alimentos. Em geral, celebramos uma união em matrimônio, a união amorosa de uma família, laços de amizade ou cooperação entre colegas pela partilha de uma refeição. Antropólogos/os atestam sobre a importância universal dos alimentos na sociedade humana. Este dom primordial do alimento na criação atinge sua plenitude no dom de Cristo, pão da vida, que é comida para nossa salvação. Na Eucaristia, partilhamos verdadeira comida e verdadeira bebida. Isto revela o verdadeiro significado do alimento: viver em comunhão com Deus, a fonte de todo dom verdadeiro, e partilhar de sua vida.

Todo o que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo o que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa. Este é o pão que desceu do céu. Os antepassados de vocês comeram o maná e morreram, mas aquele que se alimenta deste pão viverá para sempre.

Jo 6.54-58

73. O abuso pela humanidade da terra é significativamente guiado pela demanda por comida para atender às necessidades de uma população global em crescimento. Entretanto, o Departamento de Agricultura dos EUA estimam que 30-40 por cento do suprimento de comida daquele país seja desperdiçado¹². No Reino Unido, o Programa de Ações sobre

Desperdício e Recursos (WRAP) estima que em 2015 o desperdício anual de alimentos no Reino Unido foi de 10 milhões de toneladas, 70 por cento do qual era evitável. Isto teve um impacto de 20 bilhões de libras esterlinas por ano e poderia ser associado à emissão de mais 25 milhões de gases de efeito estufa¹³. Enquanto isto, em 2018, o Programa Mundial de Alimentos reportou que 824 milhões de pessoas, mais de 1 em cada 9 ao redor do globo, não tiveram o suficiente para comer. A grande maioria dos famintos do mundo vive na África subsaariana, onde um quarto da população está subnutrida. O grotesco desperdício de alimentos em um número pequeno de países altamente desenvolvidos exerce estresse adicional evitável sobre a agricultura global para produzir quantidades crescentes de alimentos. Recuperar o sentido dos alimentos como o primeiro dom comum de Deus à criação, carregado de significados para a multiplicação humana e a celebração da vida, pode ser um primeiro passo na reimaginação da relação humana com a terra e seus frutos.

A Pessoa Humana e a Pobreza: Justiça Econômica

74. O Evangelho cristão é radical em incontáveis maneiras. Uma de suas características mais reveladoras, também base de muito do que gostaríamos de tomar como garantido na política liberal moderna, é um persistente chamado para o cuidado com as pessoas pobres. No início de seu ministério, Jesus anuncia que ele vem trazer boas notícias às pessoas pobres (Lc 4.17-19). Elas serão abençoadas e as ricas despedidas de mãos vazias.

Olhando para os seus discípulos, ele disse: “Bem-aventurados vocês os pobres, pois a vocês pertence o Reino de Deus. Bem-aventurados vocês, que agora têm fome, pois serão satisfeitos. Bem-aventurados vocês, que agora choram, pois haverão de rir.”

Lc 6.20,21

75. Muitas culturas assimilaram o Evangelho cristão de maneira tão distinta que falhamos em reconhecer a característica radical da escritura. É uma coleção de literaturas, única no mundo antigo, que demonstra a mais profunda preocupação com as vidas de pessoas comuns sem nenhum recurso: aldeões pescadores, leprosas/os e viúvas, pessoas portadoras de deficiência e cegas da Galileia. A ênfase judaica e cristã na justiça econômica e nas necessidades dos pobres tiveram um profundo efeito na compreensão da pessoa humana e desenvolvimento histórico da sociedade cívica¹⁴. Enquanto as cidades antigas da Grécia e Roma se beneficiaram de filantropia na forma de teatros e banhos públicos e basílicas governamentais, as cidades cristãs que as sucederam, construindo sobre uma herança fundamentalmente judaica, contavam com construções dedicadas ao cuidado de pessoas pobres e rejeitadas: conventos, hospitais, orfanatos e restaurantes populares. Este é um tipo diferente de caridade que é distintivo em ao menos dois aspectos: Primeiro, tal caridade, ao contrário da filantropia pagã antiga, tem uma base religiosa porque dar às pessoas pobres é um ato sagrado e sacramental. Isto significa que quando damos algo àquelas pessoas que estão passando por necessidades, estamos expressando algo que é característico de Deus. Dizer que a caridade é um ato sacramental é dizer que quando damos àquelas em

necessidade nosso dom é um sinal do dom de Deus da vida e amor por todo o povo; é também um meio da graça de Deus. Dar às pessoas pobres em corpo ou espírito é também dar a Deus de tudo que temos recebido como seus filhos e filhas (Pv 19.17). Isto está baseado em incontáveis ensinamentos da escritura sobre o cuidado de Deus pelos pobres, não somente estas assombrosas palavras de Jesus recolhidas no Evangelho de Matheus:

Então os justos lhe responderão: “Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?” O Rei responderá: “Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”.

Mt 25.37-40

76. Em segundo lugar, a caridade como descrita na escritura e tradição é orientada à pessoa pobre rejeitada em vez da população em geral – aquelas que, em termos mundanos, não têm qualquer valor. Nenhuma pessoa tem algo para oferecer em retorno. De fato, a generosidade com as pessoas pobres é o objeto do ensinamento e admiração de Jesus (Mt 26.6-13; Lc 21.1-4). Isto expressa uma convicção cristã fundamental que a Igreja tem dado testemunho fiel e, em determinadas épocas, tragicamente traído ao longo de sua história, nomeadamente a dignidade última e valor inato de cada pessoa humana, a despeito de suas circunstâncias ou condições materiais. Nenhuma pessoa humana é simplesmente recipiente da

caridade de outras, já que todas as pessoas têm algo a oferecer. Isto está evidente, por exemplo, na descrição de Paulo da generosidade dos cristãos e cristãs da Macedônia às pobres de Jerusalém.

Agora, irmãos, queremos que vocês tomem conhecimento da graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia. No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam. Por iniciativa própria, eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos. E não somente fizeram o que esperávamos, mas entregaram-se primeiramente a si mesmos ao Senhor e, depois, a nós, pela vontade de Deus. Assim, recomendamos a Tito, visto que ele já havia começado, que completasse esse ato de graça da parte de vocês.

2Cor 8.1-6

77. Ensinamentos do cristianismo primitivo reforçam de modo semelhante a importância da dignidade e valor humanos em meio a pobreza. Em uma homilia sobre o cuidado às pessoas pobres, o bispo e teólogo do século IV Gregório de Nissa disse a seus ouvintes:

Não desprezem aqueles que estão estendidos no chão como se eles não merecessem nenhum respeito. Considerem quem eles são e vocês descobrirão o valor deles. Eles têm o semblante de nosso Salvador. O Senhor em Sua bondade deu a eles Seu próprio semblante para que pudesse fazer com que os de coração duro, aqueles que

odeiam os pobres, enrubescessem de vergonha, assim como quem esteja sendo roubado coloca diante de seus agressores as imagens de seu rei para envergonhar o inimigo com a aparição do governante. Os pobres são os administradores de nossa esperança, porteiros do reino, que abrem a porta para as pessoas justas e a fecham novamente para as incapazes de amar e as misantropas.¹⁵

78. A despeito da ênfase judaica e cristã no cuidado para com as pessoas pobres, desigualdades econômicas extremas levando a sofrimento humano agudo assolam a comunidade humana por todo o mundo. A Visão Mundial reporta que em 2015 736 milhões de pessoas estavam vivendo em pobreza extrema, sobrevivendo com menos de US\$ 1,90 por dia. Mais da metade dos mais pobres dentre os pobres, 413 milhões de pessoas, vivem na África subsaariana. A situação de 2015 representou um aumento de 9 milhões de pessoas colocadas nesta situação em relação a 2013¹⁶. Tais desigualdades se refletem na experiência da Comunhão Anglicana, tal é o enlace da Igreja com as injustiças econômicas do mundo. Um retorno à nossa preocupação tradicional com as pessoas mais pobres, expressão vividamente nas escrituras e proeminente nos ensinamentos de Cristo, também será uma renovação da compreensão pela Igreja da dignidade e valor de cada pessoa humana como criada segundo a imagem e semelhança de Deus.

Se houver algum israelita pobre em qualquer das cidades da terra que o Senhor, o seu Deus, lhe está dando, não endureçam o coração, nem fechem a mão para com o seu irmão pobre.

Ao contrário, tenham mão aberta e emprestem-lhe liberalmente o que ele precisar.

Dt 15.7-8

A Esperança da Humanidade Reconciliada

79. O mistério da pessoa humana é explorado entre dois polos: nossa criação segundo a imagem e semelhança de Deus, e a vocação de Deus em Jesus Cristo para partilharmos na eterna vida de Deus. Não somos pessoas isoladas umas das outras nem experimentamos sozinhas a experiência da alegria, dor e complexidade, pois Deus tomou nossa natureza humana na encarnação da Palavra para recriar-nos e reconciliar-nos consigo.

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas! Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação.

2Co 5.17-19

80. Ao reconciliar nossa humanidade decaída com Deus, Cristo também nos oferece um ministério de reconciliação, reconciliando-nos conosco mesmos e com as demais pessoas. Este ministério de reconciliação é uma participação no ministério reconciliador de Cristo; se somos reconciliadas/os com Deus,

deveríamos ser pessoas reconciliadas umas com as outras. Este ministério pode incluir a reconciliação da humanidade com a criação para além dela à medida que trabalhamos para viver justa e pacificamente com a terra. Este reino pacífico, no qual a humanidade encontra sua plenitude e guia os animais como uma criança inocente, é belamente expresso na profecia de Isaías:

Não julgará pela aparência, nem decidirá com base no que ouviu; mas com retidão julgará os necessitados, com justiça tomará decisões em favor dos pobres. Com suas palavras, como se fossem um cajado, ferirá a terra; com o sopro de sua boca matará os ímpios. A retidão será a faixa de seu peito, e a fidelidade o seu cinturão. O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode, o bezerro, o leão e o novilho gordo pastarão juntos; e uma criança os guiará. A vaca se alimentará com o urso, seus filhotes se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. A criancinha brincará perto do esconderijo da cobra, a criança colocará a mão no ninho da víbora. Ninguém fará nenhum mal, nem destruirá coisa alguma em todo o meu santo monte, pois a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar.

Is 11.3b-9

Esta é a esperança cristã sobre a humanidade, a esperança da Igreja, e a esperança da criação.

1. Atanásio, *On the Incarnation*, traduzido em inglês por Archibald Robinson in *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, second series, ed. Philip Schaff and Henry Wace, v. 4 (Edinburgh: T&T Clark, 1991), § 54, p. 65. Tradução livre em português.
2. Agostinho de Hipona, *De vere religione*, in *On Christian Belief*, tradução inglesa de Edmund Hill, OP *et al.* (New York: New City Press, 2005), § 35, p. 51; Id, *Confessiones*, tradutor F. J. Sheed, ed. Michael Foley, 2. ed. (Indianapolis, IN, & Cambridge, MA: Hackett Publishing Company, 2006), XII.7, XII.17, XIII.33, p. 264, 272-273, 319; Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, tradutor Laurence Shapcote, OP, ed. John Mortensen & Enrique Alarcón (Lander, WY: The Aquinas Institute for the Study of Sacred Doctrine, 2012), 1a.45.1, p. 459-460. Para tratamentos recentes por teólogos anglicanos, veja John Webster, “Love is also a Lover of Life”: *Creatio ex nihilo* and Creaturely Goodness’, *Modern Theology*, v. 29, n. 2, p. 156-171, 2013), e Simon Oliver, *Creation: A Guide for the Perplexed* (Londres: Bloomsbury, 2017), ch. 2.
3. “Assim como qualquer homem particular é limitado por suas dimensões corporais, e o tamanho peculiar da superfície de seu corpo é idêntica de sua existência separada, penso que toda a plenitude da humanidade foi incluída pelo Deus de todos, em virtude de seu poder de presciência, por assim dizer em um só corpo, e é isso que o texto nos ensina ao dizer: ‘Deus criou o homem, à imagem de Deus o criou’. Pois a imagem não faz parte de nossa natureza, nem está a graça em nenhuma das coisas encontradas nessa natureza, mas esse poder se estende igualmente a toda a raça [...] o homem que se manifestou na primeira criação do mundo, e aquele homem que permanecerá após a consumação de tudo, são semelhantes entre si: eles igualmente carregam em si a imagem Divina. Por esta razão, toda a raça foi chamada como se o fosse um homem, ou seja, para o poder de Deus nada é passado ou futuro, mas mesmo aquilo que esperamos é compreendido, igualmente com o que existe no presente, pela energia que tudo sustenta.” Gregório de Nissa, *On the Making of Man*, XVI.17-18, in *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, second series, v. 5, tradução inglesa por William Moore & Henry Austin Wilson (Edinburgh: T&T Clark, 1994 edn), p. 406. Tradução portuguesa livre a partir do inglês.
4. International Commission for Anglican-Orthodox Theological Dialogue (ICAOTD), *In the Image and Likeness of God: A Hope-Filled Anthropology* (Londres: Anglican Communion Office, 2015), § 5. Disponível em: [in-the-image-and-likeness-of-god-a-hope-filled-anthropology-2015.pdf](https://www.icaotd.org/in-the-image-and-likeness-of-god-a-hope-filled-anthropology-2015.pdf). Acesso em: dez. 2020.
5. Rowan Williams, *Being disciples: essentials of the Christian life* (Londres: SPCK, 2016), p. 64. Tradução livre.
6. João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, trans. Henry Beveridge (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), I.1.1. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/calvin/institutes/institutes.iii.ii.html>. Acesso em: maio 2021. Tradução livre.
7. Aquino, *Summa theologiae*, 1a.38.
8. A noção de comunhão em intercâmbio recíproco tem muitas ressonâncias culturais amplas pela Comunhão Anglicana, por exemplo na teologia e filosofia africanas de *ubuntu* e no conceito da filosofia coreana e Jeung San Do de *sangsaeng*. *Sang* (相) significa “mutual” ou “conjunto”, e *Saeng* (生) significa “viver” ou “sobreviver”.

9. Coleta pela Paz na Ordem da Oração da Manhã, Book of Common Prayer (1549/1662). Disponível em: www.churchofengland.org/prayer-and-worship/worship-texts-and-resources/book-common-prayer/order-morning-prayer. Acesso em: maio 2021.
10. Arcebispo Rowan Williams, discurso do sínodo geral, 2006, citado em Faith and Order Commission of the Church of England, *Forgiveness and reconciliation: in the aftermath of abuse* (Londres: Church House Publishing, 2017), p. 62. Disponível em: www.churchofengland.org/sites/default/files/2017-10/forgivenessandreconciliation_0.pdf. Acesso em: maio 2021.
11. A Agência Europeia do Meio Ambiente fornece informações independentes sobre o meio ambiente: www.eea.europa.eu. A NASA fornece dados sobre mudança climática data: <https://climate.nasa.gov>. Acessos em: maio de 2021.
12. US Department of Agriculture. Disponível em: www.usda.gov/foodwaste/faqs. Acesso em: maio 2021.
13. Waste and Resources Action Programme. Disponível em: www.wrap.org.uk/content/all-sectors. Acesso em: maio 2021.
14. Gary A. Anderson, *Charity: the place of the poor in the biblical tradition* (New Haven, CT, e Londres: Yale University Press, 2013), ch. 2.
15. Gregório de Nissa, *On the Love of the Poor*, 1: 'On Good Works', disponível em Susan R. Holman, *The Hungry are Dying: Beggars and Bishops in Roman Cappadocia* (Oxford: Oxford University Press, 2001), p. 193-199. Tradução livre.
16. Visão Mundial. Disponível em: www.worldvision.org/sponsorship-news-stories/global-poverty-facts#fast-facts. Acessado em: maio 2021.

A Soberania de Deus e Nossa Salvação

Uma Declaração Teológica Anglicana
Documento Unidade, Fé & Ordem nº 4

Preparado pela
Comissão Permanente Inter-Anglicana para
Unidade, Fé e Ordem
(The Inter-Anglican Standing Commission on
Unity, Faith & Order – IASCUFO)

1. As pessoas cristãs acreditam que a salvação é, antes e acima de tudo, um dom de Deus. A salvação é dada segundo a dinâmica da liberdade soberana de Deus. Em anos recentes, contudo, tem havido uma tendência em algumas áreas da vida da Comunhão Anglicana de questionarem ou proclamarem a salvação de outrem, ou a ausência da mesma. Que estilo de vida ou ensinamento poderia ser a causa para que uma pessoa adquira ou perca a salvação? Outras vezes se erguem rapidamente para nos prevenir contra qualquer identificação humana de quem é ou não salvo. Este documento curto examinará alguns exemplos do ensinamento da escritura sobre a salvação para contribuir com nossa formação espiritual e teológica comum sobre a natureza e escopo da salvação.
2. A salvação está no centro da esperança cristã e da promessa do Evangelho de Jesus Cristo. É o dom da reconciliação e transformação dado à humanidade por Deus Pai, Filho e Santo Espírito. Antes de mais nada, o dom da salvação é compreendido pelas pessoas cristãs como tendo sido dado por Deus através da encarnação, cruz e ressurreição de Jesus Cristo¹. Existem muitas imagens ricas sobre a salvação nas escrituras que foram exploradas e desenvolvidas pela teologia cristã ao longo dos séculos. Mais especificamente, no Antigo Testamento a salvação é frequentemente descrita como libertação de vários males: da escravidão no Egito e do exílio na Babilônia, bem como da fome, de ataques de inimigos e de várias formas de sofrimento. No Novo Testamento, o tema da salvação como libertação continua, mas o foco se tornam o pecado, a doença e a morte. Para muitos, a necessidade de salvação é entendida como consequência da Queda, a desobediência primordial da

humanidade retratada em Gênesis 3. Daí que Paulo escreve aos cristãos em Roma:

Pois todos caíram e estão destituídos da glória de Deus

Rm 3.23

3. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento a salvação é descrita como cura e como um movimento que parte de um estado de quebra em direção a outro, de completamente restaurado. A salvação também é descrita como a acolhida de volta ao lar dos perdidos (Lc 15.11-24).
4. Embora cada pessoa humana seja feita por Deus, para Deus e segundo a imagem de Deus (Gn 1.27), nós como pessoas cristãs reconhecemos nossa necessidade comum de salvação de tudo que fratura nossa humanidade e nos separa de Deus e uns dos outros². A salvação do pecado e de suas consequências traz liberdade, cura, santificação e integridade. Cristo não veio para condenar o mundo; Cristo veio para que o mundo, por meio dele, pudesse ser salvo e experimentasse a plenitude de vida (Jo 3.16-17, 10.10; Mt 19.25-26). Essa libertação significa nada menos do que renascimento. Nas palavras de Jesus a Nicodemos,

Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito

Jo 3.5

5. Portanto, as pessoas anglicanas estão ansiosas para convidar mais pessoas a mergulharem nas águas do batismo (Mt 28.18-20) e encorajar as batizadas a crescerem em graça

pela recepção regular da Sagrada Eucaristia, cultivo de uma vida de oração e participação na comunidade e missão cristã. Nas celebrações da Sagrada Eucaristia e serviços dominicais da palavra, há uma expectativa de que aconteça oração corporativa e confissão de pecados, seguida pela absolvição ou pela fórmula da garantia do perdão, o que ressalta que a vida cristã é permeada por constante arrependimento e emenda de vida.

6. Dentre as imagens de salvação exploradas pelas pessoas cristãs ao longo dos séculos, libertação e cura são bastante frequentes. Na Igreja Primitiva, as pessoas cristãs ansiavam por libertação da morte e da doença. Daí que o Evangelho tenha sido descrito como o remédio da imortalidade. Esta compreensão da salvação como cura e a concessão da completude estendeu-se ao longo dos séculos; no Novo Testamento, a palavra grega que nós muitas vezes traduzimos por “salvo” também significa “curado” ou “feito se sentir bem” (por exemplo, Mc 10.46-52). Na Reforma e no início do período moderno, uma ênfase foi colocada na libertação do pecado e da culpa. Assim, o perdão do pecado através do dom de Cristo na cruz é central para a nossa compreensão da salvação. No final do século XX e início do século XXI há um retorno da percepção de pecado comunitário e corporativo, às vezes conhecido como “pecado estrutural”. Por exemplo, nas últimas décadas, as Cinco Marcas da Missão da Comunhão Anglicana³ encorajaram a uma maior consciência de nosso dever de cuidado ou mordomia da criação⁴ e conclamou-nos para o desafio das estruturas injustas de sociedade. Esta consciência renovada sobre a natureza e o meio ambiente da humanidade [n.t.: por vezes chamado “antroposfera”] levou a um chamado ao arrependimento e à emenda de vida.

7. Tanto as escrituras quanto a liturgia anglicana⁵ lembram os fiéis que os dois grandes mandamentos são amar o Senhor seu Deus de todo o seu coração, mente, alma e força, e amar o próximo como a si mesmo (Mt 22.37-40). O pecado ocorre quando esses mandamentos não são obedecidos. Na verdade, o pecado impede os humanos de serem quem eles mais desejam ser (Rm 7.15). Felizmente, a graça de Deus é mais forte do que o pecado humano, pois “em Cristo Deus estava reconciliando o mundo consigo mesmo” (2Cor 5.19). A Boa Notícia de Jesus Cristo é que Deus agiu por meio da encarnação, vida, morte, ressurreição, ascensão de Cristo e pelo dom do Espírito Santo, para de fato causar o efeito da reconciliação do mundo com Deus.
8. Os relatos das Escrituras sobre a obra salvífica de Cristo em nosso favor incorporam uma variedade de imagens. Encontramos imagens jurídicas (Rm 5.16); o pagamento de um resgate em nosso nome (Mc 10.45); a descoberta e restauração do que foi perdido (Lc 15); e a cura de fragilidade (por exemplo, Mc 2.1-12). Todas essas imagem insistem que é por meio de Deus, a Santíssima Trindade, e especificamente através dos atos salvadores de Jesus Cristo, que a salvação é oferecida à humanidade⁶.
9. Embora os cristãos e cristãs sejam ordenados a “pôr em ação a sua salvação com temor e tremor” (Fl 2.12), essas pessoas também podem confiar que as promessas de Deus nas escrituras permanecem firmes:

Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte.

Rm 8.1-2

10. Jesus ordena suas seguidoras e seguidores a se abster de julgar outras pessoas (Mt 7.1-5; Lc 6.37), pois a salvação pertence somente à vontade de Deus, que é perfeitamente livre. Paulo também afirma que os julgamentos pertencem somente a Deus:

Pouco me importa ser julgado por vocês ou por qualquer tribunal humano; de fato, nem eu julgo a mim mesmo. Embora em nada minha consciência me acuse, nem por isso justifico a mim mesmo; o Senhor é quem me julga.

1Co 4.3-4

11. Este não é um dito isolado, mas um ensino consistente do ministério de Cristo. A parábola do trigo e do joio (Mt 13.24-30) reconhece que existe o bem e o mal, uma safra mista, crescendo lado a lado antes da colheita. Agir agora para condenar ou excluir seria prematuro, e arriscaria a erradicação da colheita de Deus. Nesta parábola, as discípulas e discípulos de Jesus são orientados a não julgar outras pessoas⁷, muito menos agir de acordo com tal julgamento. Deus é quem julgará.
12. Muitos dos grandes teólogos da tradição cristã, notavelmente Agostinho de Hipona (354-430) e João Calvino (1509-1564), também ensinam que a Igreja é um “corpo misto” de bons e maus. Calvino escreve que não existe uma Igreja pura antes do julgamento final e critica aqueles que se retiraram de uma Igreja genuína na tentativa de evitar aqueles que consideram estar longe de Deus⁸. Agostinho foi enfático sobre o poder e a liberdade de Deus e apropriadamente humilde sobre a ignorância da humanidade a respeito de quem é salvo e quem não é. A vontade soberana de Deus, misteriosa e inescrutável em

seus detalhes, significa que a identificação de quem é salvo pertence apenas a Deus:

Ademais, quem está tão fora da religião e se demonstra tolo a ponto de dizer que Deus não pode transformar em algum bem nenhum dos malfeitores dos homens se assim o desejar, quando e onde lhe aprouver? Quando ele faz isso, ele o faz por misericórdia, e quando ele não o faz, é por julgamento que ele não o faz, pois ele tem misericórdia ou endurece o coração de quem lhe aprouver (Romanos 9,18).⁹

13. Para Calvino, não devemos tentar separar o joio do trigo, pois esta tarefa pertence somente a Deus. Esta mesma tradição deixa claro que a salvação é eternamente e livremente decretada somente por Deus. Como Agostinho, Calvino enfatiza que a salvação é escolha de Deus:

Poucos, então, dentre o grande número de chamados, são escolhidos; o chamado, entretanto, não é algo que capacita os crentes a julgarem sobre a própria eleição.¹⁰

14. Ele recomenda uma aceitação do fato de que agora não sabemos com certeza se somos eleitos:

Quando incapazes de determinar claramente a razão, não nos impeçamos de aceitar sermos um tanto ignorantes quanto às profundezas da sabedoria divina.¹¹

15. Refletindo essa tradição, o arcebispo Thomas Cranmer, ao idealizar o *Book of Common Prayer* (o primeiro Livro de

Oração Comum), aplicou o princípio da “presunção caridosa” no serviço para o Sepultamento dos Mortos. A coleta fúnebre primeiro declara a esperança cristã de vida eterna por meio de Cristo, aplicando-a experiencialmente como nosso conforto em tempos de luto, fazendo a presunção caridosa de que a pessoa falecida tinha fé na salvação, porque isso só pode ser conhecido por Deus, e concluindo com um apelo – feito por meio de Jesus Cristo – para que nós também possamos ser considerados aceitáveis aos olhos de Deus no Juízo Final:

Ó Deus misericordioso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é a ressurreição e a vida; em quem todo aquele que crê viverá, ainda que morra; e todo aquele que vive e nele crê não morrerá eternamente [...] Humildemente te suplicamos, ó Pai, que nos reergas da morte do pecado para a vida da justiça; para que, quando partirmos desta vida, possamos descansar nele. Como nossa esperança é a de nosso irmão, e por isto também suplicamos que, na ressurreição geral no último dia, possamos ser considerados aceitáveis aos teus olhos; e recebamos aquela bênção, que teu bem-amado Filho então pronunciará a todos os que te amam e temem, dizendo: Vinde, ó filhos abençoados de meu Pai, recebam o reino preparado para vós desde o início do mundo [...].¹²

16. Em seu Primeiro Sermão sobre a Epístola de São Judas, Richard Hooker (1554-1600) seguiu esta ideia. Hooker enfatiza que:

Nós, cujos olhos estão muito como que cobertos de névoa para contemplarmos o homem interior, devemos deixar

o julgamento secreto de cada servo para seu próprio Senhor, prestando contas e usando [n.t.: considerando?] todos os homens [ou seja, pessoas] como irmãos [e irmãs] próximos e queridos de nós, supondo que Cristo os ama ternamente, para que mantenham a profissão do Evangelho e participem na vindoura comunhão dos santos.

Hooker diz novamente:

Devemos estar atentos para não presumirmos que iremos nos sentar como deuses no julgamento dos outros, e precipitadamente, conforme nossa vaidade e fantasia a tal nos guiam, determinar se este homem é sincero, ou se aquele homem é um hipócrita; exceto por falha própria, eles tornam manifesto e conhecido o que são. Pois quem és para tomares sobre ti mesmo a capacidade de julgar a outrem antes do tempo? Julga a ti mesmo.

Hooker conclui: “Não podemos examinar o coração de outros homens, nos é possível [examinar] o nosso próprio”¹³.

17. As escrituras testificam repetidamente o amor de Deus, que deve ser refletido nas relações das pessoas cristãs umas com as outras. Nas palavras de 1 Coríntios 13:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

1Co 13.4-7

18. A salvação diz respeito a Deus atrair para perto de si a humanidade a fim de que a alienação do pecado não nos distancie permanentemente do Deus de amor. Não podemos ganhar a salvação, como as epístolas constantemente nos lembram:

Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie.

Ef 2.8-9

19. O anseio pela salvação é experimentado por toda a criação (Rm 8.18-27). A salvação já está realizada, mas ainda não, porque embora o perdão de Deus seja vivenciado nesta vida, o reino de Deus só se realizará plenamente quando do retorno de Cristo. No tempo presente, participamos da comunidade do corpo de Cristo, a Igreja¹⁴, recebemos os sacramentos do batismo e da Sagrada Eucaristia, vivemos na força do Espírito Santo e em comunhão uns com os outros e buscamos em todas as coisas preparar o caminho para a volta do Senhor. Assim, é possível dizer que pela Cruz de Cristo fomos salvos, no corpo de Cristo estamos sendo salvos pela graça de Deus, e no julgamento final seremos salvos.

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.

1Jo 3.2

20. Nossas vidas são transformadas à medida que aprendemos a perdoarmos e sermos perdoados, enquanto antecipamos a plena revelação e realidade do novo céu e nova terra (Ap 21). Em harmonia com nosso chamado individual e coletivo¹⁵, crescemos pela graça em semelhança a Cristo. Esta graça equipa “os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.12-13).
21. Em conclusão, quando pessoas anglicanas se envolvem em questões de soteriologia, a teologia da salvação, elas não abordam tanto como uma ciência precisa, mas como uma arte de cura. O Deus que cria, redime e santifica chama todas as pessoas para crescerem na graça até a estatura plena de Cristo. Não somos pessoas chamadas a julgarmos o estado salvífico de nossas companheiras e companheiros no seguimento de Cristo. A salvação, e particularmente o discernimento sobre quem será salvo, está nas mãos de Deus. Aleluia. Graças a Deus.

Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Rm 8.38-39

1. Veja a *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação* proferida pela Igreja Católica Apostólica Romana e a Federação Mundial de Igrejas Luteranas (1997), § 10 *inter alia*. Disponível em: www.christianunity.va/content/unitacristiani/en/dialoghi/sezione-occidentale/luterani/dialogo/documenti-di-dialogo/1999-dichiarazione-congiunta-sulla-dottrina-della-justificazione/en.html. Acesso em: maio 2021. Veja também a Declaração Acordada da Comissão Internacional Anglicana-Ortodoxa Oriental (Anglican–Orthodox International Commission) 2017, *A Processão e Obra do Espírito Santo (The Procession and Work of the Holy Spirit)* Londres: Anglican Consultative Council, 2017), § 14: “Afirmamos que o Pai enviou o Filho para salvação, para o mundo na Encarnação, de forma que na era que sucede a Ressurreição e Ascensão do Senhor, o Pai enviou o Espírito ao mundo com o objetivo de santificação da ordem criada, até que o Senhor venha novamente em glória” [tradução livre]. Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/312561/the-procession-and-work-of-the-holy-spirit-dublin-agreed-statement.pdf. Acesso em: maio 2021.
2. Veja neste volume *Criados Segundo a Imagem de Deus*, § 19.
3. As Cinco Marcas da Missão:
A Missão da Igreja é a missão de Cristo
 1. Proclamar as Boas-Novas do Reino.
 2. Ensinar, batizar e nutrir novas discípulas e discípulos.
 3. Responder às necessidades humanas por meio do serviço amoroso.
 4. Transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiando as violências de todos os tipos e perseguir a paz e a reconciliação.
 5. Lutar para salvaguardar a integridade da criação, e sustentar e renovar a vida da terra.
4. Veja §§ 3º e 4º de *A mordomia da criação: uma ecologia cheia de esperança*, da Comissão Internacional de Diálogo Teológico Anglicano-Ortodoxo. [International Commission for Anglican–Orthodox Theological Dialogue (ICAOTD), *Stewards of creation: a hope-filled ecology* (Londres: Conselho Consultivo Anglicano, 2019), §§ 3º e 4º. Disponível em: https://anglicancommunion.org/media/421995/icaotd_stewards-of-creation-hope-filled-ecology_nov2020.pdf. Acesso em: maio 2021.
5. ICAOTD, *The Dublin Agreed Statement* (Londres: SPCK, 1984), § 7º: “A Liturgia e todo o culto cristão estão enraizados na história da salvação. A história da salvação com todos os seus espantosos eventos em ambas Antiga e Nova Aliança é confessada, celebrada e apropriada por meio do ano litúrgico”. Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/103812/the_dublin_statement.pdf. Acesso em: maio 2021.
6. Confira o documento citado na nota 1, especialmente § 16.
7. Confira o Documento *O Reino de Deus e Nossa Unidade (God’s Reign and Our Unity)*, da Comissão Internacional Anglicana-Reformada (Londres: SPCK, 1984), § 28: “a Igreja, que é enviada não para julgar mas para levar a palavra da salvação”; § 54: “Com todos os cristãos reconhecemos a necessidade da fé para a recepção da salvação posta e corporificada pelo batismo”. Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/104250/1984_aco_war_c_gods_reign_our_unity.pdf. Acesso em: maio 2021.

8. João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, trad. Henry Beveridge (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989), IV.1.13. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/calvin/institutes/institutes.vi.ii.html>. Acesso em: maio 2021: “Pensando que não há igreja onde não há completa pureza e integridade de conduta, eles, por ódio à maldade, se afastam de uma igreja genuína, enquanto pensam que estão evitando a companhia dos ímpios. Eles alegam que a Igreja de Deus é santa. Mas para que possam ao mesmo tempo compreender que contém uma mistura de bem e mal, ouçam dos lábios de nosso Salvador aquela parábola na qual ele compara a Igreja a uma rede na qual todos os tipos de peixes são apanhados, mas não separados até que sejam trazidos para terra. Que eles o ouçam a comparando a um campo que, plantado com boa semente, é pela fraude de um inimigo misturado com joio, e não se vê livre dele até que a colheita seja trazida para o celeiro. Ouçam, enfim, que se trata de uma eira na qual o trigo coletado fica escondido sob o joio, até que, purificado pelos ventiladores e pela peneira, é finalmente depositado no celeiro”. Ver também João Calvino, “Mateus 13.24-30”, in *Comentário sobre uma Harmonia dos Evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas*. Trad. William Pringle (Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library). Disponível em: <https://ccel.org/ccel/calvin/calcom32/calcom32.ii.xx.html>. Acesso em: maio 2021.
9. Agostinho, “The enchiridion on faith, hope, and charity”, in *On Christian Belief*. Trad. Matthew O’Connell (New York: New City Press, 2005), 25.98, p. 328, disponível em uma outra versão inglesa em: www.newadvent.org/fathers/1302.htm, ch. 98. Acesso em: maio 2021.
10. Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, III.24.8. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/calvin/institutes/institutes.v.xxv.html>. Acesso em: maio 2021.
11. *Ibidem*, III.24.14.
12. Coleta da Ordem para o Sepultamento dos Mortos (Order for the Burial of the Dead), Book of Common Prayer 1549 (itálicos adicionados). Disponível em: http://justus.anglican.org/resources/bcp/1549/Burial_1549.htm. Acesso em: maio 2021. Veja também a coleta pelos mortos no Book of Common Prayer 1662. Disponível em: www.churchofengland.org/prayer-and-worship/worship-texts-and-resources/book-common-prayer/burial-dead. Acesso em: maio 2021. [n.t.: A oração de exéquias foi traduzida e levemente adaptada livremente em favor de uma leitura mais clara que a mera literal, que se utiliza da métrica de Cranmer em inglês seiscentista, nem sempre facilitadora da compreensão semântica.]
13. *The Works of that Learned and Judicious Divine Mr. Richard Hooker*, ed. John Keble, 7th edn, rev. R. W. Church and F. Paget (Oxford: Clarendon Press, 1888), v. 3, ‘Two Sermons upon Part of St. Jude’s Epistle: Sermon I’, §§ 11 e 13, p. 366-368. Disponível em: https://oll-resources.s3.us-east-2.amazonaws.com/oll3/store/titles/923/Hooker_0172-03_EBk_v6.0.pdf. Acesso em: maio 2021.
14. Veja duas declarações da Comissão Internacional Anglicana-Católica Romana (ARCIC): *Salvation and the Church* (Londres: Church House Publishing, 1987). Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/105239/ARCIC_II_Salvation_and_the_Church.pdf. Acesso em: maio 2021; e *Walking Together on the Way* (Lon-

dres: SPCK, 2018). Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/344839/walking-together-on-the-way-spck-2018.pdf. Acesso em: maio 2021. Walking Together..., § 26, afirma: “Deus ‘deseja que todas as pessoas sejam salvas [n.t.: NVI “todos os homens”] e cheguem ao conhecimento da verdade’ (1Tm 2.4) por meio do ‘único mediador entre Deus e a humanidade [n.t.: NVI “os homens”], Cristo Jesus, ele mesmo humano, que se deu em resgate por todos’ (1Tm 2.5-6). Assim como Jesus foi enviado pelo Pai para a salvação de todo o mundo (Jo 3.16-17), as/os discípulas/os são enviadas/os pelo Senhor ressuscitado para continuar sua obra de salvação (Jo 20.21). A Igreja é a manifestação sacramental da *missio Dei* [...] A identidade missionária da Igreja tem alcance universal. A Igreja missionária pode, portanto, cumprir a promessa feita a Abraão de que nele todas as tribos da terra seriam abençoadas (Gn 12.1-3).”

Ver também ICAOTD, *The Dublin Agreed Statement*, § 3º: “O mistério da Igreja não pode ser definido ou totalmente descrito. Mas a alegria constante das pessoas que descobrem uma nova vida e a salvação em Cristo por meio da Igreja nos lembra que a própria Igreja é uma experiência vivencial. A Igreja é enviada ao mundo como sinal, instrumento e primícias do Reino de Deus”. E § 60: “A Igreja batiza os seus membros na morte e ressurreição do seu Senhor, resgatando-os do estado de pecado e morte como membros de seu corpo e participação em sua vida eterna”. Ver também a Declaração de Chipre do ICAOTD, *The Church of the Triune God* (Londres: Anglican Consultative Council, 2007). Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/103818/The-Church-of-the-Triune-God.pdf. Acesso em: abr. 2021.

15. Ver IRAD, *Koinonia: God’s Gift and Calling* (Londres: Conselho Consultivo Anglicano, 2020), § 14: “Isto aponta para a salvação corporativa, que vê a personificação da perfeição divina da humanidade em uma comunidade de fé, o Corpo de Cristo”. Disponível em: www.anglicancommunion.org/media/421817/koinonia-gods-gift-calling.pdf. Acesso em: maio 2021.

ANGLICAN COMMUNION

IN OVER 165 COUNTRIES



Editora e Livraria
ANGLICANA

ISBN 978-65-89338-10-9



9 786589 338109